

PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO E PERTENCIMENTO TORCEDOR: MATERIALIDADE E GÊNERO NUMA TORCIDA ORGANIZADA DE FUTEBOL

Roberto Souza Junior¹
Marianna Andrade²
Luiz Henrique de Toledo³

Resumo: A proposta é atualizar o debate sobre torcidas organizadas, desdobrado em novas abordagens analíticas e etnográficas. A noção de pertencimento clubístico elucidou dinâmicas torcedoras valendo-se das classificações agonísticas fomentadas no e pelo sistema competitivo das rivalidades do futebol profissional masculino. Agora, tomamos o torcer de outro ponto de vista, como manifestação inerente às demandas mais internas e circunscritas aos próprios torcedores, e passamos a nomear esse deslocamento analítico de “pertencimento torcedor”. Pertencimento torcedor será exemplificado nas práticas materializadas de torcedores e torcedoras organizadas, expondo formas mais contemporâneas de segmentaridade da sociabilidade, como as implicações de gênero, debatidas aqui a partir de etnografias centradas nos Gaviões da Fiel, torcida organizada que também se projeta no Carnaval oficial da cidade de São Paulo. Essa atualização analítica auxilia investigar o movimento de estranhamento metodológico ao problematizar o termo “clubístico” como extensão da esfera masculina do jogar, ao mesmo tempo que possibilita difratar questões de gênero no interior do torcer, liberando outras formas de pertencimento atadas a genérica categoria masculinizante “torcedor”.

Palavras-chave: antropologia das práticas esportivas; torcida organizada de futebol; pertencimento clubístico; pertencimento torcedor; gênero; materialidade.

Club belonging and fan belonging: materiality and gender in an soccer organized fans

Abstract: abstract: The proposal is to update the debate on organized fans, deploying new analytical and ethnographic approaches. The notion of club belonging elucidates fan dynamics by drawing on the agonistic classifications fostered in and by the competitive system of male professional soccer rivalries. Now, we take cheering from another point of view, as a manifestation inherent to demands that are more internal and circumscribed to the fans themselves, and we will name this analytical displacement as "fan belonging". Fan belonging will be exemplified in the materialized practices of organized male and female fans, exposing more contemporary forms of segmentarity of sociability, such as the gender implications, discussed here based on ethnographies centered on Gaviões da Fiel, an organized fan group that also projects itself in the official Carnival of the city of São Paulo. This analytical update helps to investigate the movement of methodological estrangement by problematizing the term "club" as an extension of the masculine sphere of playing, while at the same time making it possible to diffract gender issues within cheering, releasing other forms of belonging tied to the generic masculinizing category "supporter".

Keywords: anthropology of sports practices; soccer organized fans; club belonging; fan belonging; gender; materiality.

¹ Mestrando em Antropologia Social do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), pesquisador associado ao Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS). E-mail: r.alencarjunior@hotmail.com

² Mestranda em Ciências Sociais do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, pesquisadora associada ao Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS). E-mail: marianna.cbandrade@gmail.com

³ Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), coordenador do Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS). E-mail: lhtoledo@ufscar.br

Antecedentes

Em 2004 um dos autores deste artigo participou de um experimento coletivo cuja efeméride marcou os 450 anos de fundação político-administrativa da cidade de São Paulo. Motivados por suas expertises profissionais, pesquisadores foram convidados a lançarem distintos olhares sobre a cidade. Formou-se uma “expedição” com antropólogos urbanos, artistas, fotógrafos, psiquiatras, historiadores, arqueólogos, geógrafos, etnomusicólogos, museólogos e alunos de graduação em ciências sociais.

Tal ajuntamento ficou a cargo de José Guilherme Cantor Magnani, antropólogo e coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana, hoje Lab-NAU, e o experimento esquadrinhou a cidade a partir do método da pesquisa de campo. Patrocinada pela iniciativa privada e instituições públicas o evento não deixou de evidenciar também um certo caráter espetaculoso que, aliás sempre cercou a própria ideia eurocêntrica de expedição (Brumana, 2005), cujo poder em cena (Balandier, 1982) celebra o simbolismo político embrenhado em toda performance onde essa instância atua, patrocina ou participa como agente de fomento da cultura.

No texto oficial, assinado pela então prefeita da cidade, exultou Marta Suplicy: “A Expedição São Paulo 450 anos – bem como a criação do Museu da Cidade, que abrigará tão valioso acervo – está inserida na série de ações desenvolvidas por nossa gestão municipal para tirar a palavra ‘cidadania’ dos discursos oficiais e colocá-la onde de fato deve estar: nas ruas”.

O experimento, que não se concretizou em museu, acabou viabilizado no volume intitulado *Expedição São Paulo 450 anos. Uma viagem por dentro da metrópole*, e para além dos usos políticos de superfície, visou expandir os olhares multidisciplinares sobre a cidade e, também apreender fragmentos de uma memorabilia cotidiana. Nesse sentido, os artefatos se tornaram centrais nos relatos e imagens presentes nas páginas do referido volume.

As andanças e interações dividiram os expedicionários em dois eixos, norte-sul e leste oeste e as instituições e pessoas visitadas foram previamente escolhidas na formulação de um roteiro tão minucioso quanto diversificado, que contemplou de bares populares espalhados na periferia ao IML (Instituto Médico Legal), de lideranças religiosas locais aos torcedores de futebol. Acolhendo uma gama de instituições de perfis e desenhos institucionais distintos (estatais, privadas, ongs e,

sobretudo, instituições populares recreativas, culturais, assistenciais etc.) foi ganhando potência o tema da materialidade relacionada a memória e ao apuro estético de grupos populares na execução de seus projetos de sociabilidade.

Em função da temática de pesquisa coube ao antropólogo coautor desse artigo visitar uma instituição popular relacionada ao universo das Torcidas Organizadas (TO's). Na época os Gaviões da Fiel, associativismo torcedor vinculado política e afetivamente ao Sport Club Corinthians Paulista, estavam em evidência, afinal, haviam conquistado dois carnavais oficiais (2002 e 2003), razão pela qual a sede da TO ter sido incluída no roteiro. Ocorrida em janeiro, portanto às portas do carnaval daquele ano, a visita apanhou os Gaviões em meio aos preparativos para o carnaval de 2004, colocando o antropólogo expedicionário em diálogo com o então carnavalesco dos Gaviões, Delmo de Moraes.

Em meio à correria, Delmo explicou os cuidados estéticos que deveria observar ao montar toda a concepção cênica daquele carnaval. Carioca e botafoguense, ainda tateava os meandros do sistema de pertencimento clubístico paulistano. Embora voltado às exigências plásticas na elaboração do enredo, contexto um pouco mais afastado do futebol, era proibido explorar a cor verde, conhecida tonalidade associada ao grande rival dos corinthianos, a Sociedade Esportiva Palmeiras. Na ocasião, disse que havia usado alguns espelhos numa determinada alegoria, mas ao ser interpelado por um jovem torcedor, que aparentemente perambulava pelas imediações, tal opção despertara certa inquietude, que se espalhou como controvérsia pelo barracão.

O jovem dissera ao carnavalesco que aquilo parecia refletir alguma tonalidade verde, embora nada, à primeira vista, indicava a presença da referida cor tabu na alegoria, asseverou Delmo na conversa com o antropólogo. A celeuma se dava pelo cromatismo alimentado pelos movimentos de luz que a alegoria pudesse receber inesperadamente no sambódromo.

O fato nos remete agora a pensar sobre essa memória coletiva contenciosa e sensível entre torcedores rivais, que levou aquele jovem a projetar a cor verde num lugar em que ela ainda não se manifestava. Na tentativa de contra-argumentar as severas observações do jovem de que nada ali sucumbia ao matiz proibido, fazendo lembrar o clube rival, Sociedade Esportiva Palmeiras, a controvérsia se espalhou, chegando aos dirigentes que, por fim, acabaram decidindo pela reforma de toda a alegoria, que o carnavalesco julgava finalizada para aquele carnaval.

Aquela conversa com Delmo mobilizou outros jovens, que foram se aglomerando em nosso entorno. Um deles acrescentaria que qualquer registro em papel que entrava no território gavião, sobretudo folders e cartazes informativos de divulgação cultural, também passavam pelo crivo do pertencimento clubístico, pois textos que constavam o nome da cidade ou do Estado (São Paulo) eram rasurados e substituídos pela conhecida contração, Sampa, para evitar alusões a outro rival, o São Paulo Futebol Clube.

Toda a conversa travada com o antropólogo, que para eles era mais um curioso ali de passagem, reafirmava o conjunto de relações de alteridade existente entre coletividades torcedoras rivais. Como usualmente ocorre quando são instados a assumirem identidades clubísticas, torcedores organizados fazem questão de demarcar as fronteiras simbólicas mais externas que, naquela ocasião, foram inscritas na materialidade do carnaval.

Cabe notar que boa parte das pesquisas sobre torcidas organizadas levam em conta o exercício das rivalidades e o pertencimento clubístico (Damo, 2002), tomados por pressupostos dessa sociabilidade. Há, como se nota, um princípio de externalidade, que rege tais dinâmicas contrastivas, inclusive do ponto de vista analítico¹.

Neste artigo discutiremos um outro movimento, atentando para as dinâmicas mais internas presentes numa mesma torcida, apontando para segmentaridades e disputas que modulam o pertencimento. Partiremos não de perspectivas externas, que amparam a noção de pertencimento clubístico, nem das dinâmicas presentes naquilo que apontado como sociabilidade por distanciamento (Toledo, 2002)².

Diríamos que pesquisas atuais e em curso, explicitadas nos últimos dois tópicos do artigo, tratam menos de pertencimento clubístico para assumirem a expressão “pertencimento torcedor”, quer dizer, um pertencer “para si”, animado por fraturas e demandas internas relativamente mais afastadas de seu centro de

¹ Cabe destacar que em um recente artigo de Dantas, Anjos & Mendes (2021), o conceito de “pertencimento clubístico” foi de certa forma ampliado para uma proposição mais ampla, em que o torcer para um clube pode também se complexificar por outras demandas para além do clubismo.

² Essa expressão teve bem menos repercussão na bibliografia, mas igualmente tentou dar conta da sociabilidade e do pertencimento clubístico em contextos mais espalhados fora dos domínios rituais dos estádios. Sociabilidade por distanciamento dinamiza retóricas discursivas da sociabilidade cotidiana (Toledo, 2002), ou como sintetizou Frúgoli Jr, trata-se de “um sistema classificatório inclusivo, que por meio da dimensão lúdica põe em relação torcedores de distintos times, congregando-os, mas ao mesmo tempo demarcando diferenças e rivalidades” (apud Toledo, 2021).

gravidade (o futebol masculino profissional), enunciando um torcer para *dentro* ou, exagerando a fórmula, um torcer para torcedores, em que disputas pelas experiências do torcer estão para além (ou aquém) dos constrangimentos do sistema clubístico, que não deixa de estar orientado pelos imperativos do *jogar*, tomado como referencial hierarquizante, tipológico, externalista e paradigmático do *olhar* convertido em *torcer*, tal como será observado logo mais.

Pertencimento torcedor conceitua atos contínuos e inconclusos, operador de sociabilidades menos reificadas pelas centralidades do clubismo. Metodologicamente, suas premissas buscam ampliar as possibilidades analíticas e etnográficas sobre práticas torcedoras, fazendo interagir novos recortes e renovados temas, tais como o da materialidade, que por um bom tempo se deteve numa chave representacional em que os objetos foram tomados por alegorias subsidiárias das emoções num campo masculinizante de visualidades a partir das arquibancadas. *Pertencimento torcedor* também abriga um tema que, por um bom tempo, foi minimizado nas análises sobre associativismos torcedores, as relações de gênero.

“jogar e olhar”: a materialização da emoção

Historicamente, ativismos torcedores mantiveram-se confinados à percepção de que uma lógica esportiva própria da esfera do *jogar* (Toledo, 2019a) predominou na avaliação dos confrontos e dinâmicas torcedoras, e que no senso comum responde ao reiterativo sistema classificatório futebolístico de rivalidades.

O tema do torcer transversalizou uma ampla bibliografia nas ciências sociais e apareceu definindo engajamentos lúdicos de feições culturalistas (Lever, 1983) até alcançar análises mais sócio-históricas, que o delinearão a partir de processos induzidos pelo espraiamento do futebol (Melo et al, 2012). Torcer foi tematizado também como espaço existencial num campo complexo de forças centrípetas, tendo o *jogar* como instância atratora, em análises inspiradas e/ou correlatas ao programa bourdiesiano de campo (competitivo) esportivo (Bourdieu, 1978; [1987]1990). Já do ponto de vista etnográfico, torcer foi abordado a partir das formações dos coletivos e associativismos torcedores, cuja força indutora de projetos políticos e sociabilidade gravita com maior ou menor autonomia em torno do pertencimento clubístico.

Não cabe a esse artigo desdobrar a discussão, acomodada em várias perspectivas, mas advertir que, de modo geral, evidencia-se o caráter assimétrico e hierárquico, ou pouco dialético, em tomar a relação entre *jogar* e *olhar* como fronteiras reificantes, apartando *jogar* e *olhar* (Toledo, 2019a)³.

Abordaremos apenas uma faceta desse esquema analítico mais geral, cabendo destacar a via da materialidade como constitutiva do torcer, que mobiliza muitos artefatos e saberes que, em princípio, se agregam plasticamente ao *jogar*, formando conjuntos de informações visuais, mas que não devem ser tomados apenas como subsidiários ou representacionais do jogo e do espetáculo.

Alguns objetos torcedores provocam potências transformadoras e relacionais importantes, marcando ambiguidades e instabilidades contextuais. Bandeiras, mas, sobretudo as camisas, como peles que definem a pessoa torcedora e sua pertença, retém propriedades agentivas coletivas, que atualizam a dialética entre *jogar* e *olhar*, em que o torcedor vestido (uniformizado) incorpora propriedades do jogar.

Podemos nos apropriar livremente de um argumento específico, voltado para artefatos cruciais para se compreender as dinâmicas ontológicas e de alteridade em sociedades indígenas. Esses artefatos são as máscaras, amplamente ritualizadas por inúmeros coletivos,

(...) as máscaras jamais são imagens estáticas: elas são tridimensionais, têm odores e texturas particulares, são vestidas e animadas, e sempre empregadas em contextos precisos – contextos nos quais se produz uma instabilidade cognitiva, tornando difícil dizer se estamos diante de uma subjetividade-outra ou simplesmente diante de um objeto manufaturado utilizado por um membro da coletividade. (Fausto, 2013: 308).

A indumentária, e o aparato festivo que a acompanha, conferem uma distinção aos torcedores organizados. É como se as performances corporais e sonoridades oriundas das arquibancadas instaurassem alguma ambiguidade ao

³ . Daí esse modelo trabalhar com um núcleo duro de expressões dialéticas, a saber, “olhar jogado” e “jogar olhado” (Toledo, 2019a), sob as quais não trataremos aqui. De todo modo, a expansão analítica do olhar, pensando o torcer como metáfora perceptiva inerente ao ato de externalizar olhares, seja de quem joga ou de quem torce, está distante das abordagens que possam levar a temática torcedora a algum tipo de essencialismo como forma de adesão ao jogo, subjetivista ou sociológica. Ademais, o modelo procura matizar o fato de que o torcer contemporâneo se dê apenas em função de desdobramentos que apelam para uma certa inconstância consumerista, tal como, por exemplo, preconizam as políticas de marketing (Araújo, 2021) presentes nos clubes mais aquinhoados, que induzem mercados torcedores consumidores para além de suas fronteiras locais e regionais.

jogo, subtraindo ou fracionando muitos olhares, que em princípio deveriam estar orientados para aquilo que define a essência anímica do jogar, ou seja, as atividades técnicas corporais dos jogadores.

Nesse sentido, a performance torcedora não deixa de presumir um conflito de perspectivas, propriamente uma dialética entre *jogar* e *olhar*, dada a maneira mais especulativa de vivenciar o jogo a partir de outros “corpos operantes” (Merleau-Ponty, 2014). Portanto, e de maneira espaiada, há na atitude torcedora mais do que a manifestação de uma alegoria e representação, pois instaura-se a própria competitividade com o jogar, desviando-lhe a atenção de si e para si.

Pensando agora o domínio do *torcer organizado*, as camisas não apenas (in)vestem os corpos torcedores de agência própria (Toledo, 2019b) como induzem percepções que se desdobram não só do torcer relacionado ao jogar, mas do torcer como experiência que interpela o próprio estatuto do que seja esse torcer em contextos específicos. Será, desse modo, como veremos mais adiante, que inflexões de gênero estabelecem aderência à materialidade nesse torcer organizado.

Celebrando um repertório de artefatos expressivos, o torcer organizado ampliou as possibilidades da fruição esportiva para outras esferas em que o *jogar* também se projetou como um bem não apenas recreativo, mas cultural, estético, e sobretudo político. Atentar para alguns aspectos dessa materialidade artesanal torcedora, agora de uma perspectiva de *dentro* e não apenas como expressividade estética para *fora*, quer dizer, somente devotada ao *jogar*, é perceber também como, criticamente, algumas formas de torcer, performadas nesses projetos coletivos associados aos torcedores organizados, se metaforizaram em instâncias tão decisivas para a universalização da prática quanto aquelas desdobradas do ponto de vista do *jogar*.

Se o *jogar* foi orientado por processos históricos de valorização da “seriedade” dentro daquilo que se engendrou aos processos econômicos e políticos (Elias & Dunning, 1992), assumindo a materialidade consumerista da forma mercadoria, mesmo que outros tantos futebóis (Damo, 2018) operem difrações a esse universo, o torcer, em que pese também ter sido capturado pela lógica do consumo, trilhou caminhos mais erráticos em suas formas de convenção, explorando e especulando uma percepção mais lábil e diferenciante (Wagner,

2010) no interior da cultura do futebol, se comparada às formações institucionalizadas assumidas pelo *jogar*.

A sequência desse artigo visa quebrar ao menos parte dessa assimetria ao focar *de dentro* de uma torcida organizada algumas das dinâmicas distributivas de torceres que, se tomadas da perspectiva do jogar, historicamente se impuseram como formações masculinizantes hegemônicas. Veremos que as inflexões de gênero também definem novas formas de torcer a partir das experiências com a materialidade e pode nos levar a um outro apuro do olhar, que leva o pertencimento clubístico ser percebido também como manifestação de um *pertencimento torcedor*.

da violência misógina às questões de gênero: de *fora para dentro*

O ápice da crise entre associativismos torcedores e setores do poder público na cidade de São Paulo se deu justamente com o acirramento das contendas em torno de militâncias torcedoras ao longo da década de 1990. Militância marcada, sobretudo, pelos enfrentamentos físicos entre corpos masculinos. Um icônico artefato, que ganhou as páginas dos jornais daquela época, até mesmo em função do seu caráter dramático e bélico, mais do que pela sua eficácia, foram as bombas caseiras (bolas de gude misturadas à pólvora formando pequenas trouxas) que imprimiram às transgressões a imagem de banditismo, que serviria de mote ou gatilho para que transformações se acelerassem no arranjo do futebol institucionalizado.

De modo geral, as organizações torcedoras pagariam sozinhas o preço jurídico e político pelo deliberado abandono do modelo de espetáculo futebolístico assentado na presença física e carnavalizada das torcidas nos estádios na cidade de São Paulo. A emoção consubstanciada numa política estética de massa, pensando nas multidões multicoloridas presentes nos estádios, deveria se reacomodar numa espécie de função protética consumerista, impingindo novos contornos à prática do torcer. O ápice desse processo foi a judicialização da controversa solução da torcida única nos estádios paulistas (Orlando, 2018).

Ao longo das últimas três décadas o futebol profissional masculino passou a ser arregimentado sob outras escalas de gerenciamento e exposição, que incidiram em transformações severas no perfil popular do espetáculo (Helal, 1997; Toledo, 2002[2021]; Simões, 2017). Capturas consumeristas e a ascensão mais

individualizada de torcedores da classe média subtraíram espaços das TO`s nos estádios da cidade.

Em que pese esse cenário, onde as TO`s se viram premidas pelo então chamado “futebol moderno”, novas demandas e sensibilidades foram estimuladas no interior dessas complexas associações. O incremento à participação de várias TO`s no carnaval oficial foi, sabidamente, um marco relevante nesse sentido (Hollanda; Medeiros, 2018), distendendo, inclusive, a participação das mulheres em maiores proporções se comparada ao represamento imposto pela misoginia presente tanto no universo do *jogar* - o futebol profissional masculino -, quanto no universo do *olhar*, de resto amparado pelas dinâmicas do pertencimento clubístico.

Transformações induzidas por movimentações de *dentro*, portanto, passaram a estimular formas de adesão e politização que aproximam as Torcidas organizadas, inclusive, de outras organizações populares militantes muito presentes na esfera mais feminina do cotidiano, que tem na atuação das mulheres as agentes indutoras de demandas políticas. Podemos citar, por exemplo, os movimentos de moradia e as ocupações urbanas nas metrópoles (Aquino, 2015; Souza Junior & Toledo, 2020).

Portanto, a ampliação do projeto torcedor para além do clubismo e de um pertencimento construído com base na misoginia dos enfrentamentos masculinos, em que a participação de várias torcidas organizadas nos projetos de carnaval constitui um fator relevante de primeira ruptura e distensionamento, estimulou maior contrastividade segmentar em projetos identitários no interior das agremiações para além do futebol, estimulando novas demandas por políticas do torcer no interior dessas coletividades em resposta, inclusive, ao movimento persecutório a que foram submetidas.

Pesquisas etnográficas mais recentes, como será relatado, tem se voltado para esses olhares *de dentro*, destacando outras qualidades segmentárias (Goldman, 2001) que demandam por análises menos “esportivas”, ou comprometidas com a clássica dicotomia sócio-histórica que mapeou o *jogar* (jogo e esporte, lúdico e profissional, sério e não sério), e que alimentou, conjuntamente, o senso comum midiático, confinando às dimensões do *olhar* aos processos que fizeram o *torcer* um movimento à reboque do *jogar*.

Chamam especial atenção outras questões para além da expressão politicamente maliciosa denominada de “violência torcedora” que, por sua vez, deu vazão aos desdobramentos que enfeixaram o fenômeno torcedor num torvelinho de ações supostamente pré-políticas e reativas dentro do sistema classificatório futebolístico. Maliciosa não porque descompromissada da realidade dos confrontos torcedores que, de fato, permeiam essa sociabilidade masculinizante, mas porque, antes, tratou-se de mais uma estratégia convencionalizante no sentido de afastar o torcer popular do jogar.

Tal processo, que foi materializado numa simbiose simbolicamente violenta entre fidelização seletiva com monetarização da presença torcedora nos estádios (Bocchi, 2016), tornou os espaços cada vez menos cobertos pelas mediações do *olhar* popular como instância dialeticamente decisiva no fruir do *jogar*.

Se o pertencimento clubístico pode ser tomado como sistema retroalimentador de masculinidades hegemônicas, porque receptivo aos sistemas classificatórios esportivos, novas perspectivas de análise clamam por um *pertencimento torcedor*, que se manifesta de dentro das torcidas e cujas dinâmicas com o *jogar* são interpostas por demandas próprias das esferas de outros torceres.

Samba e futebol: os sentidos do *pertencimento torcedor* na sociabilidade

Quando se vai a campo observar e conversar com torcedores organizados algumas ocorrências são bastante comuns, dentre elas talvez a mais frequente sejam as histórias que ouvimos sobre como a torcida se impõe diante das rivais em jogos “fora de casa”, ou até mesmo dentro, mas com a presença de torcida adversária. Sintomático nisso tudo é que as contendas descritas pelos interlocutores não são apenas físicas e numerosas, mas sobretudo ditadas por aspectos sonoros e visuais: “*engolimos os caras! Só dava pra ouvir a gente lá!*”; “*nossa faixa cobriu o alambrado todo! E nosso bandeirão então, pegou a bancada toda! Só deu nós!*”.

Essas histórias quase sempre são acompanhadas de memórias coletivas recicladas em que a torcida foi *vista* e *ouvida*, sobretudo pelos rivais. Não importa

qual a lembrança que motivou a primeira história narrada, certo é que ela trará consigo muitas outras parecidas.

A memória é, de certa forma, o motor pelo qual a história oral da torcida vai sendo recontada em suas novas narrativas. Outro importante fator de se notar é que essa busca também se dá através da percepção visual em que fotografias e vídeos são constantemente revisitados pelos torcedores, ganhando até mesmo espaços museológicos próprios⁴. Com isto, constatamos que uma das principais características de uma TO é justamente a ampliação da sua potência estética no embate com o *jogar*. O que propomos então, é que essa estética, outrora para *fora*, hoje se alarga também para *dentro* de seus domínios, principalmente através dos materiais utilizados em torno do torcer e do sambar. Aqui, portanto, o que faremos é “(...) seguir as forças e fluxos dos materiais (...)”. (Ingold, 2012: 38).

Apesar do carnaval oficial ter incorporado as TO`s como protagonistas na passarela a partir dos anos 2000, sua expressividade estética sempre esteve de alguma forma presente nas arquibancadas. Uma prática usada na saudação, que curiosamente hoje é tida como apenas carnavalesca, era o tratamento festivo com papéis picados jogados na entrada dos times no gramado, os cantos das arquibancadas embalados pelos instrumentos musicais - num primeiro momento de sopro e mais adiante predominantemente percussivos -, bandeiras sustentadas por mastros, grandes faixas, sinalizadores luminosos etc.

A dita “pacificação” dos estádios e o maior controle dos corpos se deu também em detrimento dessa expressividade material, sobretudo a partir dos anos 1990 na cidade de São Paulo, como já indicamos anteriormente. Hoje, por exemplo, nesta cidade identificada como aquela que, no Brasil, produziu a mais conservadora das investidas contra torcedores organizados, tal expressividade é limitada, e cada TO pode exibir apenas uma faixa, um bandeirão (sem mastro) e somente sete instrumentos que compõem a bateria⁵. Para além disso, torcedores podem portar as camisas da TO, mas é cada vez mais estimulado que o torcer seja orientado menos pelo caráter coletivo e mais por uma expressividade individualizada e “espontânea”.

⁴ Esse processo de narrativas a partir do resgate de memórias possui seu motor institucional na agremiação através do "Acervo - Gaviões da Fiel". Departamento que preserva a memória da torcida. Disponível em: <https://www.facebook.com/acervogavioesdafiel/about> . Acesso em: 07/06/2021.

⁵ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-08/sao-paulo-libera-bandeiroes-e-instrumentos-musicais-de-torcidas-em-estadios> . Acesso em: 07/06/2021.

Diante desse quadro coube, então, a produção de novos espaços em que essa expressividade, expulsa ou minimizada compulsoriamente dos jogos de futebol, pôde ser ressignificada, promovendo assim certas mobilidades e novos agenciamentos. A estética material torcedora coibida no futebol encontrou seu lugar nas práticas de *dentro* das torcidas, como em festas, ensaios, reuniões, feijoadas, ações comunitárias⁶ e até mesmo em ativismos políticos nas ruas, além de se expressarem cada vez mais nos espaços de outras arquibancadas, notadamente no carnaval oficial da cidade, onde toda essa performance passou a ser aceita com a presença de TO`s no samba.

No caso específico dos Gaviões da Fiel, a estética torcedora se estabelece continuamente em meio aos fluxos de materiais entre arquibancada e avenida, entre torcer e sambar, entre o futebol e o carnaval de espetáculo. Os materiais que constroem a estética dos Gaviões atuam em constante fluxo entre uma coisa e outra, tornando essa estética torcedora - e carnavalesca -, cada vez mais móvel e mutável.



Foto 01 - Caminhada do Anhembi até a sede dos Gaviões pós desfile do carnaval de 2019. Na imagem temos a mobilidade estética entre torcida e escola de samba. Reprodução: arquivo fotoetnográfico de Roberto Souza Junior, 2019⁷.

⁶ Para saber um pouco mais sobre a atuação comunitária das torcidas organizadas, inclusive durante a pandemia, consultar Souza Junior & Toledo (2020).

⁷ Para conferir mais fotoetnografias consultar na bibliografia o ensaio visual: "Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica"

Dentre as TO's que disputam o carnaval da cidade de São Paulo⁸, os Gaviões da Fiel são os únicos que mantêm um mesmo CNPJ para a torcida e para a escola, apesar desse fato contribuir também como uma estratégia política e administrativa em se utilizar do carnaval para se afastar do estigma de violência que recai sobre a torcida (Hollanda & Medeiros, 2018, P. 14). Esse projeto, de duas atividades distintas num mesmo lugar, e tendo os mesmos corpos como superfícies cidadinas (Nascimento, 2016) na produção de subjetividades afetam diretamente a sociabilidade cotidiana dos associados.

Vale pontuar que isso não acontece sem constantes conflitos, tensões, negociações e ajustamentos internos onde tudo segue uma "hierarquia dos afetos" bastante estabelecida institucionalmente: primeiro o Corinthians, segundo Os Gaviões, terceiro o Samba. E por isso não se trata de um modelo de mera justaposição de duas estéticas populares, mas de uma relação *cismogênica* (Bateson, 2018 [1958]), ou seja, um processo constante de diferenciação que, por vezes, resulta em novas fissuras imprevistas. E aqui os materiais são centrais na percepção desse fluxo negociado e *cismogênico* entre arquibancada e avenida.

Olhar para os materiais de uma torcida organizada – que também passa a ser reconhecida como uma escola de samba – não é apenas constatar a presença de *coisas* inseridas em práticas cotidianas e ritualísticas, mas antes, perceber também um emaranhado de significados simbólicos distintos em busca de uma estética em constante disputa e construção, para *dentro* e para *fora* de seus domínios. Afinal, como destaca Ingold (2015: 56):

(...) os seres humanos não existem no "outro lado" da materialidade, mas nadam em um oceano de materiais. Uma vez que reconheçamos nossa imersão, o que este oceano revela para nós não é a homogeneidade branda de diferentes tons de matéria, mas um fluxo no qual materiais dos mais diferentes tipos (...) sofrem contínua geração e transformação.

Por isso, cabe aqui um destaque, seguir esses fluxos de interação na dinâmica de produção dessa materialidade é perceber também suas tensões e

(Souza Junior, 2021).

⁸ Atualmente as torcidas organizadas que fazem parte do carnaval oficial da cidade de São Paulo, em todas as suas divisões, são: as corinthianas Gaviões da Fiel, Camisa 12 e Pavilhão Nove; as são paulinas Independente e Dragões da Real; a santista Torcida Jovem; e a palmeirense Mancha Alvi Verde, além da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) que não se declara enquanto torcida "organizada".

realocações simbólicas. Observa-se, por exemplo, o caráter hierárquico, porque não dizer sacralizado, com que o manuseio das vestimentas da torcida ou relacionadas ao Corinthians são comparadas à materialidade que cerca os objetos carnavalescos. Camisas oficiais da torcida ou do clube não podem ser colocados no chão, nem mesmo numa simples atividade logística de carregamento de lá para cá desses materiais. Já com as fantasias do carnaval, apesar de, muitas vezes, possuírem maior valor econômico agregado, pois são trabalhadas artesanalmente, são vistas com frequência em contato com o chão no dia do desfile.

Mas o inverso também ocorre se pensarmos nos instrumentos da bateria, responsáveis pelo pulsar rítmico, evolução e harmonia de uma escola no carnaval. A bateria, além de compor um maior número de instrumentos do que aqueles sete permitidos pelo policiamento para animarem a TO nos estádios, é mais protegida e bem cuidada do que os instrumentos reservados aos usos nas arquibancadas.

Nota-se, portanto, que cada experiência nesses espaços produz suas próprias hierarquias classificatórias e interações com seus materiais. O primor percussivo convertido em quesito na avaliação da escola torna-se mais subsidiário na animação torcedora nos estádios, onde se sobressaem outros materiais considerados sacralizados, tais como faixas, bandeiras e camisas.

Assim como as performances torcedoras e o conjunto de artefatos *patrimonializados*⁹, os espaços também são ressignificados. Apesar do termo "arquibancada" ser o mesmo utilizado para o lugar ocupado pela torcida no estádio e no sambódromo do Anhembi, as arquibancadas do futebol e do carnaval diferem, mesmo tendo um público (ao menos no desfile dos Gaviões) parecido. Enquanto a materialidade torcedora nos estádios é bem mais sonora e corporalizada¹⁰, sobretudo hoje em dia em função da escassez de materiais permitidos, no carnaval ela se faz excessiva, dadas as expressões visuais e performáticas serem quantificadas em quesitos avaliativos de um desfile.

⁹ Muitos objetos são concebidos como *patrimônios* da agremiação e carregam um valor simbólico que, por vezes, se sobrepõe ao dos corpos que os ostentam, fazendo com que integrantes tenham brigado e até morrido em prol de sua defesa. Tal atributo recai nas faixas e bandeiras da torcida, pois são elas que quando tomadas por rivais são usadas como troféus na dinâmica das rivalidades.

¹⁰ "Mar negro é tradição", é com esse mantra nativo que os Gaviões da Fiel convocam seus torcedores a irem torcer com roupas totalmente pretas, preferencialmente a camisa oficial da torcida, ou uma do Corinthians que seja preta. O que faz com que a estética torcedora seja, de certa forma, corporificada através das vestimentas pretas do coletivo amontado em bloco nas arquibancadas.

Mas há linhas mais tênues entre o desfililar e o torcer ou a presença contínua em relação à participação efetiva do *torcer* no *desfililar*. A presença de membros dos Gaviões, que tradicionalmente ocupam todo um setor específico da arquibancada do sambódromo, se faz ainda mais notada pelo espocar de sinalizadores no momento exato em que uma determinada performance é exigida no contar e desenrolar do enredo na passarela. Tudo previamente ensaiado para que ocorra no desfile gavião uma sinergia próxima àquela observada nos estádios em que se manifesta a dialética das perspectivas do *jogar* e do *olhar* (Toledo, 2019a), o que produz também uma espécie de *cismogenia* (Bateson, 2018 [1958]) entre *torcer desfilando* e um *desfililar torcendo*, muito característico desse hibridismo performático.

Para estender um pouco a percepção desses fluxos, delimitamos alguns materiais específicos para seguirmos na discussão: as vestimentas oficiais da torcida (camisetas, bermudas e calças); as bandeiras (bandeirões e bandeiras de mastro); e alguns instrumentos da bateria (surdos e caixas de guerra). A partir desses materiais em suas disputas internas na sociabilidade dos Gaviões da Fiel é que vislumbramos o surgimento de novas fissuras e possíveis atualizações na estética torcedora.

Transformações estas que, por vezes, extrapolam inclusive a atmosfera em torno do futebol e do carnaval, ocupando também as ruas em seus mais diversos ativismos políticos. Ingold (2012: 29), de certa forma, já supõe o potencial agentivo dos materiais, pois: “numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas”. No caso específico dos Gaviões, as bandeiras, as faixas e as vestimentas ao longo de sua história extrapolaram, ou melhor dizendo, *vazaram* de suas superfícies em nome de práticas que estiveram à frente das mais diversas demandas e reivindicações não somente pelos direitos do torcer, como estiveram presentes em inúmeros movimentos políticos de apelos mais amplos, tais como no exemplo mais recente durante os protestos contra o recrudescimento ideológico no governo Bolsonaro em meio a pandemia¹¹, em que os tais *patrimônios* torcedores expressaram toda a visualidade que esteve na linha de frente dos protestos políticos contra o negacionismo.

¹¹ Para saber mais sobre a atuação das torcidas organizadas durante a pandemia consultar: Souza Junior & Toledo (2020) "Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19".

Cabe ainda destacar que, geralmente os torcedores que se ocupam do tremular bandeiras, cuidar dos bandeirões e participar da bateria, pouco usufruem do jogo, ou do desfile integralmente, pois precisam orquestrar com êxito essas tarefas, como aponta alguns autores ao enfatizarem que a beleza e a estética de uma torcida organizada dependem desse arranjo nas arquibancadas. E uma vez que existe uma autoexpectativa de que as torcidas organizadas também devem ser vistas e apreciadas como protagonistas, todo o cuidado com a estética deve ser observado. “(...) a bateria deve estar afinada, aqueles que cantam devem ser ouvidos, os que empunham as bandeiras devem fazê-las de modo correto sem embarçá-las para não comprometer a visão dos símbolos e desenhos que ostentam” (Toledo, 1996: 77).

Nota-se que tais objetos e símbolos fazem parte das dinâmicas segmentares de rivalidades para *fora*, mas fazendo-se ecoar diretamente nos fluxos de significações para *dentro* da estética torcedora dos Gaviões, provocando cada vez mais fissuras e usos contrastivos e negociados internamente, seja pela mobilidade dos agentes orientados ou para o carnaval, ou para o futebol, seja também pelos usos e posses desses materiais em seus contextos diversos. A seguir, veremos um pouco dessa partilha material a partir da perspectiva de gênero e da relação *cismogênica* entre torcida e escola.

Materializando o gênero entre as "Gaviãs" da fiel

As questões de gênero nos parecem implícitas já na nomenclatura masculinizada em torno da agremiação e nessa direção apresentamos um contraponto inicial à narrativa hegemônica. Primeiramente, é necessário explicar que o termo proposto, “Gaviãs da Fiel”¹² surge como uma provocação a partir da observação de que os torcedores da entidade se referem de maneira unânime à torcida e à escola de samba como “os Gaviões da Fiel” e não “a (torcida /escola) Gaviões da Fiel”, ao contrário do senso comum que sempre faz referência a agremiação como a Gaviões da Fiel.

Mesmo que essa percepção não nos garanta um debate de gênero propriamente dito, as pesquisas etnográficas *de perto e de dentro* (Magnani, 2002) desse *pertencimento torcedor* denotaram questões profundas a este

¹² Este termo é central nas pesquisas da antropóloga Marianna Andrade, coautora deste artigo, e será debatido com maior profundidade e espaço em sua dissertação de mestrado ainda em andamento. Aqui apresentamos apenas alguns fragmentos desse argumento.

respeito. Começamos pelos significados que a linguagem pode carregar. Percebe-se que a noção de torcer está relacionada a uma referência estética masculina, fazendo com que seja óbvio o porquê dos integrantes da torcida serem chamados de “os” gaviões, apenas no masculino, independentemente de serem torcedores homens ou mulheres. Ou ainda, pensando em como os vocabulários não são vazios de sentidos, da forma que ressalta Brito (2021, p. 8) ao dizer que a linguagem apresenta uma capacidade de produzir masculinidades e feminilidades.

Dessa forma, “as Gaviãs” aparecem para além de um simples trocadilho linguístico, e passam a denominar uma categoria em disputa *dentro* da torcida. As “Gaviãs da Fiel” surgem etnograficamente como uma narrativa contra-hegemônica não só aos termos, mas a toda uma estética e memória torcedora construída a partir de experiências, sobretudo, masculinas e masculinizantes impregnadas no pertencimento clubístico.

As “Gaviãs da Fiel” existem e são todas as torcedoras que se colocam de maneira insurgente ao *modus operandi* tradicional da torcida e constantemente pensam estratégias e novas formas de existir dentro deste espaço. É sobre as Gaviãs que este tópico pretende se debruçar, olhando principalmente para as demandas de gênero e a generificação dos materiais em torno do torcer dentro da agremiação.

As vestimentas, as bandeiras, a bateria, e os demais materiais de suporte das performances possuem uma demarcação de gênero bastante delimitada, sobretudo, a partir das posses de cada um. Por exemplo, as mulheres associadas são proibidas de tremular bandeiras em jogos ou eventos na quadra e de percutirem determinados instrumentos da bateria, tanto no âmbito da torcida quanto da escola. Alcançando inclusive interdições maiores, como o impedimento de sequer tocar nas bandeiras ou até mesmo acessar o espaço em que elas ficam guardadas: “(...) na salinha onde ficam as bandeiras mulher é proibido de ir, os caras falam que não pode entrar.” (Diário de campo 2).



Foto 02 - Homens erguendo e tocando um surdo (um dos materiais proibidos para as mulheres). Reprodução: arquivo fotoetnográfico de Roberto Souza Junior, 2019.

Os impedimentos, no entanto, não param por aí, na dinâmica ritualística das torcidas organizadas, os materiais *patrimonializados* são os bens mais preciosos da torcida-escola e por isso são destinados apenas ao manuseio e cuidado dos homens, fazendo com que às mulheres sejam negado o acesso à essa propriedade simbólica e ritualizada da relação humano-material.

Outro exemplo dessa dimensão generificada dos materiais no interior dos Gaviões da Fiel é a segmentaridade presente na bateria. Nas arquibancadas do futebol, a posse dos sete instrumentos é apenas masculina, e apesar de ser notável uma maior abertura às gaviãs na bateria do carnaval, ainda assim elas não podem participar do chamado *núcleo duro* da bateria, aqui exemplificados nos surdos (de primeira, segunda e terceira) e na caixa de guerra - instrumentos estes centrais no samba, além de possuidores de alta significação interna em termos de *status* na agremiação.

Até no carnaval, na bateria por exemplo, mulher não toca surdo, mulher não toca repique... não toca caixa. Acho que é caixa. Tem uma menina que toca caixa há muitos anos, mas é só ela. A mulher só toca chocalho, tamborim e xequerê. Só. Então assim até no carnaval isso é proibido. Surdo não é instrumento de mulher na visão deles. Mulher não tem como carregar um surdo na avenida

inteira porque vai cansar. Não tem força. Então é complicado mesmo, até no carnaval. Para ter uma diretora de bateria demorou muito, teve agora...Acho que há 2 ou 3 anos atrás. E já cortaram também... Risos. (Entrevista 2, realizada em 30/04/2020).

Outra questão que incide diretamente nos corpos femininos são as vestimentas. Daniel Miller (2013) em seus estudos sobre a indumentária aponta como a vestimenta não é algo superficial e está ligada a uma certa convenção social predominante em cada lugar. No caso dos Gaviões da Fiel, as roupas curtas estão diretamente atreladas à sexualidade feminina, e por isso, não são adequadas para serem usadas em ambientes de sociabilidade torcedora, apesar dos homens poderem circular livremente sem camisas. E aqui é perceptível que a própria noção de sociabilidade torcedora se forja a partir de uma noção masculina. O corpo feminino só tem espaço dentro desse espectro “torcedor” se for moldado a partir de premissas masculinas. Isso pode ser notado no próprio modelo de uniforme dos Gaviões da Fiel, as camisetas da torcida são extremamente masculinas e masculinizantes, contando apenas com modelos em tamanhos largos. “As roupas lá são tudo pretas, tudo pesada, não existe roupa específica para mulher ali dentro, era só aquelas calças largas né. Era foda.” (Entrevista 2, realizada em 30/04/2020).



Foto 03 - camiseta oficial dos gaviões exibida na exposição de 50 anos da torcida. Reprodução: arquivo fotoetnográfico de Marianna Andrade, 2019.

Interessante pontuar que essas classificações e assimetrias de gênero se localizam na esfera da *tradição*, atualizada no imaginário dos associados, construída e perpetuada através de um processo de memória oral, não havendo nenhuma regra estatutária que explique o porquê se é interdito às mulheres tocar alguns instrumentos da bateria, tremular bandeira ou até mesmo entrar na sala dos *patrimônios*. E é através dessa memória, que constitui a torcida, que a noção de “tradição” em relação aos costumes e proibições é tida como algo imutável dentro das relações de gênero também na relação com os materiais.

(...) Ah é tradição, então tá aí e não vamos mudar, entendeu... Você quando entra aqui nos Gaviões já vai pegando isso né... “respeita a ideologia, respeita a tradição”. Quando você chega na torcida você escuta muito isso mesmo, “tem que respeitar a ideologia, tem que seguir e tal” . E aí você vai ver e a ideologia é isso, que a mulher não pode fazer tal coisa etc. Sendo que na história, se você for ver lá no começo, tem depoimento dos caras mesmo falando que tinha mulher que guardava os instrumentos, guardava a bandeira entendeu... Então isso não é uma “tradição”. É algo que foi criado durante os anos mesmo. (Diário de campo 2).

Entretanto, as gaviãs não se contentam com o discurso hegemônico da tradicionalidade e recorrem a outras memórias marginalizadas e narrativas possíveis para refletir sobre a generificação do ser gavião também através da posse dos materiais. Pois, como atestam: "(...) antigamente não havia tantas proibições. E não só no sentido de não poder tremular bandeira não. As mulheres construíram muito a torcida, tanto que tem foto e tal... A mulher tinha muita participação mesmo". (Entrevista 4, realizada em 06/06/2020).

Tais insurgências, sobretudo a partir da perspectiva gaviã de resgate de uma memória feminina obliterada ou lateralizada, denotam então certas mobilidades na estética torcedora - e sambista - dentre as fissuras causadas em meio aos novos ativismos políticos internos à agremiação. Assim como foi, e segue sendo, a já dita relação *cismogênica* entre o futebol e o carnaval.

Nas palavras de Amir Geiger, na apresentação de Bateson:

Cismogênese (...) traz a ideia de que integridade e ruptura não são distintas e opostas, mas faces do mesmo processo de produção combinada de estabilidade e variação. E que não existem por si, mas em contexto – rupturas podem ser reequilíbrio em outro plano; estabilidade pode estar associada a variações. (Bateson, 2018 [1958]: 35).

E é nesse contexto dos Gaviões da Fiel, de fissuras em meio ao projeto institucional em torno de uma hegemônica estabilidade masculina subjetiva, é que colocamos que a relação entre a torcida organizada e a escola de samba induzem a uma prática *cismogênica* (Bateson, 2018 [1958]), em que as diferenciações acumuladas entre esferas relativamente autônomas (o samba e o futebol) operam ao mesmo tempo produzindo rupturas e instabilidades, que alcançam também a materialidade em torno do *torcer* e do *sambar* dentro da agremiação¹³, abrindo espaço para novas experimentações tanto das emoções materializadas quanto das demandas de gênero.

Pois, mesmo que um associado goste mais de futebol e desgoste de samba (o que é mais comum do que se imagina), de certa forma também vivencia uma atmosfera permeada pela tensão negociada entre ambos, constituídos diariamente em processos *cismogênicos*. E nisso, os materiais nos parece exprimir o fluxo visível e expressivo mais constante entre os dois projetos, pois são eles que circulam nos múltiplos espaços cotidianamente, mesmo que com valores simbólicos diferentes.

Num ambiente permeado por mobilidades em torno de constantes rupturas, as TO's seguem sendo fontes de disputas internas por narrativas estéticas e políticas menos essencializadas, e *as gaviãs* reposicionam algumas dessas fronteiras. Como mulheres nos Gaviões, elas atuam também como protagonistas políticas que visam imprimir uma estética própria ao torcer, interpelando criticamente a generificação das emoções e a materialidade masculinizante impregnada aos objetos.

Portanto, a partir dos exemplos etnográficos recentes das *gaviãs* e da relação *cismogênica* entre futebol e samba numa torcida organizada é que problematizamos aquilo que se propaga na mídia formadora de opinião a respeito desses coletivos de torcedores e torcedoras como meros agrupamentos animados por suas rivalidades antagônicas presentes na noção de pertencimento clubístico.

¹³ Esta discussão em torno da *cismogênese* na compreensão da relação entre futebol e carnaval em seus fluxos de materiais nas TO's é abordagem conceitual presente nas pesquisas do antropólogo Roberto Souza Junior, coautor deste artigo, e será debatida com maior espaço e profundidade em sua tese de dissertação de mestrado.

Tais exemplos etnográficos partem de uma perspectiva do que apresentamos aqui como *pertencimento torcedor* e, por isso, mais focados nas dinâmicas de *dentro* da torcida e suas novas demandas outrora invisibilizadas pelas questões clubísticas atinentes ao domínio do jogar.

A partir destas pesquisas recentes constatamos que as segmentaridades internas nas TO`s não devem ser encerradas em lógicas essencializantes porque se colocam à disposição de processos abertos (Ingold, 2012), onde constantemente "arriscam uma improvisação" (Deleuze; Guattari, 2004: 343) nas formas de torcer como maneiras mais amplas de existir, agora em meio a outras demandas que entrelaçam materialidade, gênero e carnaval.

Considerações finais

Aquele encontro com o carnavalesco Delmo, induzido e marcado pela dinâmica da Expedição São Paulo, serviu-nos de mote para definir o ponto de partida na investigação dos processos de agenciamento simbólico que parte da materialidade como saber performático torcedor. Nesse artigo, ofertamos a expressão *pertencimento torcedor* para provocar um movimento de estranhamento metodológico aos usos da expressão mais canônica, pertencimento clubístico. Nesse caso, o termo "clubístico", cerne do sistema classificatório de pertenças e rivalidades no futebol masculino profissional, se coloca como extensão simbólica definidora da esfera do *jogar*, escamoteando novas formas de pertencimento menos dependentes da hierarquização entre *jogar* e *olhar*. Já o uso da expressão *pertencimento torcedor*, ao mesmo tempo que demanda por uma relação mais dialética e menos determinista entre *jogar* e *olhar*, permite observar difrações no interior da esfera do torcer, problematizando a noção de clubismo como única expressão simbólica de produção da pessoa torcedora e das estratégias de engajamento nos coletivos.

Vale frisar que ao sugerirmos *pertencimento torcedor* não buscamos substituir ou minimizar analiticamente a categoria de pertencimento clubístico, visto que ambas respondem a lugares analíticos distintos e necessários.

Todavia, a presença de torcedoras militantes no carnaval e no futebol toma contornos a partir de novas subjetividades reivindicadas no interior dos domínios do *torcer*. Assim, materialidade e gênero apresentam-se como temas que podem

deslocar a hegemonia simbólica da masculinizante expressão “clubismo”, desde que tomada como única chave definidora da sociabilidade torcedora.

Destacamos na composição das Torcidas Organizadas, para além dos marcadores como classe, renda e escolaridade, que as definem sociologicamente (Reis, 2006; Murad, 2017), novas fissuras ou segmentaridades que respondem a um universo ainda mais denso de participação pela via das relações entre materialidade, emoção e subjetividade.

Se para uma determinada acepção clássica de valor, este “(...) jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que sujeitos fazem sobre eles” (Simmel *apud* Appadurai, [1866]2008:15), nossa intenção não foi especular sobre a teoria do valor dos materiais, sequer apartá-los como cultura material.

O potencial agentivo dos artefatos (Lagrou, 2003), no caso, artefatos torcedores, alguns tomados como *patrimônios*, circulam não apenas como bens, mas objetos que produzem sujeitos e relações. Indicamos também que alguns deles - bandeiras, camisas, faixas, instrumentos musicais – participam da composição estética e política na promoção de novas interseccionalidades, destacadamente entre gênero e torcer.

Concluimos que essas novas demandas, aqui exemplificadas pela via dessas cadeias heteróclitas compostas por materialidade, gênero, futebol e carnaval, são bem mais múltiplas do que seria possível perceber da perspectiva de *fora* e se focadas na performance desses torcedores atrelados ao espetáculo futebolístico e ao seu clubismo como modo simbólico masculino de externalizar pertenças. De outra perspectiva, de *dentro* do pertencimento torcedor, novas possibilidades analíticas se abrem a partir das relações e experiências de outros e outras agentes em campo, agentes actantes (Latour, 2000), que formam cadeias de significação no interior de uma TO.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Marianna. **Para além da arquibancada: uma etnografia sobre as "Gaviãs" da Fiel**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UNIFESP, São Paulo, em andamento.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008 [1986].

AQUINO, Carlos Filadelfo de. **A luta está no sangue: família, política e movimentos de moradia em São Paulo**. Tese de doutorado, PPGAS-FFLCH-USP, 2015.

ARAÚJO, Ana Flávia Nóbrega. O torcedor é, antes de tudo, um consumidor: disputas e coexistência com torcedores mistos. **Ludopédio**, São Paulo, v. 146, n 43, 2021.

BATESON, Gregory Naven: **um exame dos problemas sugeridos por um retrato composto da cultura de uma tribo da nova guiné, desenhado a partir de três perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Edusp. 384 p, 2018 [1958].

BALANDIER, Georges. **O poder em Cena**. Brasília: Editora da UnB, 1982.

BOCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de “atualização”**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, FFLCH-USP, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Programa para uma sociologia do esporte. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRITO, Leandro Teofilo de. “Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, 2021.

BRUMANA, Fernando Giobellina. **O sonho Dogon. Nas origens da etnologia francesa**. São Paulo: Edusp, 2005.

CARVALHO, Phelipe Caldas Pontes. **O Belo e suas Torcidas: um estudo comparativo sobre as formas de pertencimento que cercam o Botafogo da Paraíba**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPB, João Pessoa, 2019.

DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social. Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto alegre. Editora da universidade/IFCH-UFRGS, 2002.

_____. Futebois. Da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **Revista Fulia**, UFMG, vol 3, número 3, 2018.

DANTAS, M. de M.; ANJOS, L. A. dos; MENDES, B. G. Torceres: Pensando Diferentes Possibilidades de Pertencimento Clubístico. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 477–509, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.32455.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A thousand plateaus**. Trans. B. Massumi. London: Continuum, 2004.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Em busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAUSTO, Carlos. A máscara do animista: quimeras e bonecas russas na América indígena. In Severi, Carlo; Lagrou, Els (Orgs). **Quimeras em diálogo. Grafismo e figuração nas artes indígenas**. Rio de Janeiro: Sete letras, 2013.

FRÚGOLI JR, Heitor. Resenha (Toledo, L.H. Lógicas no Futebol). **Lógicas no Futebol – Releituras**. São Paulo: Ludopédio, 437p, 2021.

GOLDMAN, Marcio. Segmentaridades e movimentos negros nas eleições de Ihéus. Rio de Janeiro. **Mana**, vol 7, nº 2, 2001.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses. Futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. **Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol**: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 23-47, 2018.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 18, n. 37, pp. 25-44, jan/jun, 2012.

_____. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2015.

LAGROU, Els. Antropologia e arte: uma relação de amor e ódio. **Ilha**. Florianópolis, vol 5, n 2, pp 93-113, 2003.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MELO, Victor; HOLLANDA, Bernardo Buarque; TOLEDO, Luiz Henrique; MALAIA, João Casquinha. **A Torcida brasileira**. Rio de Janeiro: Sete letras, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MILLER, Daniel. **Treco, troços e coisas** Estudos antropológicos sobre cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MURAD, Mauricio. **A violência no Futebol**. Novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. Rio de Janeiro: Benvirá, 2017.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. **Ponto Urbe [Online]**, 19, 2016.

ORLANDO, Matheus Ramalho. **Torcida única no futebol aulista: uma análise de cobertura midiática**. Dissertação de mestrado, UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação: processos midiáticos e práticas socioculturais, 149 p, 2018.

REIS, Heloisa H. B. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus rebeldes. Novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SOUZA JUNIOR, Roberto. Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica. **Pensata: Revista Dos Alunos Do Programa De Pós-Graduação Em Ciências Sociais Da UNIFESP**, 9(2), 2021. <https://doi.org/10.34024/pensata.2020.v9.11082>

SOUZA JUNIOR, Roberto. **Torcidas organizadas entre futebol e carnaval: uma etnografia sobre a materialização do torcer e do sambar nos Gaviões da Fiel**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSCar, São Paulo, em andamento.

SOUZA JUNIOR, Roberto & TOLEDO, Luiz Henrique. (2020). Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19, **Ponto Urbe [Online]**, 26 | 2020.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão. Visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: AnnaBlume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol**. 1. ed. São Paulo: Hucitec/Fapesp. v. 1. 342p, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade vista de dentro (e de fora) de uma bola de gude: esportes, jogos e passatempos na metrópole. Magnani, José Guilherme C. [et al]. **Expedição São Paulo 450 anos – uma viagem por dentro da metrópole. Museu da cidade de São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Instituto Florestan Fernandes, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcer: perspectivas analíticas em antropologia das práticas esportivas**. Tese de titularidade. Departamento de Ciências Sociais, UFSCar, São Carlos, 319p, 2019a.

TOLEDO, Luiz Henrique. (In)vestindo camisas de futebol: moda esportiva e agência na produção das emoções torcedoras. *dObra[s]* – **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**. São Paulo, 12(27):31-46, 2019b.

TOLEDO, Luiz Henrique. Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença. **Horizontes Antropológicos**, [S.L.], v. 26, n. 56, p. 255-291, 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Remexer anotações - O trabalho de um arguidor antropológico**. São Carlos – SP, EdUFSCar, 2021.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.